



O PARQUE DA SEMENTEIRA COMO ESPAÇO SOCIOAMBIENTAL DE MÚLTIPLOS TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES

Cristiane Alcântara de Jesus Santos, Universidade Federal de Sergipe, cristie09@uol.com.br

Larissa Prado Rodrigues, Universidade Federal de Sergipe, larissa4912@hotmail.com

Antonio Carlos Campos, Universidade Federal de Sergipe, antonio68@uol.com.br

RESUMO

Este artigo é resultante do Projeto de Iniciação Científica intitulado “Espaços Públicos de Lazer e Turismo: O caso dos Parques Públicos da cidade de Aracaju/Sergipe, Brasil” premiado por dois anos consecutivos (2016 e 2017) pela Universidade Federal de Sergipe, em que investigou-se os processos de produção e consumo dos referidos espaços. Deste modo, este estudo pretende focar as relações territoriais existentes em um dos parques estudados, o Parque da Sementeira, a fim de analisar as diferentes formas de uso e consumo adotadas por grupos e classes sociais específicos, bem como os conflitos estabelecidos entre os mesmos no interior do parque, processos que materializam os territórios. Além disso, estabelece conexão com a atividade turística enquanto potencial produtora de novos territórios no Parque da Sementeira. Com a finalidade de atingir os objetivos propostos, adotou-se enquanto procedimentos metodológicos, o levantamento bibliográfico, a observação direta não participante *in loco*, a pesquisa netnográfica, diálogos informais e a aplicação de questionários para coleta de dados e informações. Constatou-se como principais resultados, a existência da luta de classes em decorrência dos distintos usos configurados por grupos e classes sociais antagônicas, o que gera estranhamentos, disputas e conflitos nos territórios do parque. Além disso, tornou-se evidente as relações existentes de contra-usos do espaço diante das hegemonias de uso estabelecidas pela classe dominante dotada de poder e propriedade, nos quais os territórios que se apropriam das formas de consumo que as contrariam devem ser veemente reprimidos socialmente.

RESUMEN

Este artículo es resultante del desdoblamiento del Proyecto de Iniciación Científica titulado “Espacios Públicos de Ocio y Turismo: El caso de los Parques Públicos de la ciudad de Aracaju/Sergipe, Brasil” premiado por dos años consecutivos (2016 y 2017) por la Universidad Federal de Sergipe, en que se ha investigado los procesos de producción y consumo de los referidos espacios. Así, este estudio pretende enfocar las relaciones territoriales existentes en uno de los parques investigados, el *Parque da Sementeira*, a fin de analizar las distintas maneras de uso y consumo adoptadas por grupos y clases sociales específicos, así como, los conflictos establecidos entre los mismos en el interior del parque, procesos que materializan los territorios. Además, establece conexión con la actividad turística mientras productora de nuevos territorios en el *Parque da Sementeira*. Con la finalidad de atingir los objetivos propuestos, se ha adoptado los procedimientos metodológicos, el levantamiento bibliográfico, la observación directa no participante *in loco*, *la investigación en internet*, diálogos informales y la aplicación de encuesta para levantamiento de datos e informaciones. Se ha constatado como resultados principales, la



existencia de lucha de clases resultante de los distintos usos configurados por grupos y clases sociales antagónicos, lo que genera disputas y conflictos en los territorios del parque. Además, se ha tornado evidente las relaciones existentes de contra-usos del espacio adelante de las hegemonías de uso establecidas por la clase dominante dotada de poder y propiedad, en que los territorios que se apropian de las maneras de consumo que las contrarían deben ser reprimidos socialmente.

1.Introdução

Nos últimos anos, observamos grandes transformações nos espaços das cidades, tendo em vista que são espaços dinâmicos e, também, por serem as cidades consideradas áreas de interesse especial por parte dos gestores públicos e do capital privado, sobretudo, no que diz respeito à sua capacidade especulativa. Estas transformações afetam diretamente os espaços públicos das cidades, uma vez que mesmo sendo considerados como um “conjunto de lugares de domínio do coletivo, geridos pelas instituições governamentais, cuja utilização privada é proibida” (VAZ, 2004, p.1), acompanhamos uma era em que estes espaços, principalmente praças e parques urbanos, têm sido cada vez mais incorporados pela iniciativa privada, sobretudo, a partir de parcerias público-privado (PPP).

A partir dessa premissa, Estado e mercado buscam resolver os problemas e os conflitos gerados pelas transformações espaciais e sociais adotando “medidas silenciadoras”. No caso dos parques urbanos, objeto de estudo dessa pesquisa, em resposta à dificuldade do poder público em mobilizar recursos para sua manutenção adequada, são firmados contratos de concessão ou parcerias com empresas ou entidades da sociedade civil para a gestão dos parques públicos.

Isto ocorre na tentativa de qualificar e manter o bem ou serviço público sem onerar os cofres das administrações municipais, estaduais e federais. Em contrapartida, o parceiro privado busca atingir seus objetivos empresariais ou de impacto (no caso de entidades do terceiro setor) em condições minimamente interessantes e economicamente sustentáveis que justifiquem a sua entrada no empreendimento. Porém, estas entidades garantidas por estes convênios também acabam por determinar os usuários, já que possuem o poder de gestão.



Partindo desse pressuposto, torna-se de fundamental importância analisar os espaços públicos de lazer da cidade de Aracaju/SE, uma vez que estes espaços exprimem contraditoriamente inúmeros benefícios para a melhoria da habitabilidade e os medos e inquietudes da qualidade do ambiente urbano. No entanto, neste artigo iremos abordar as matizes entre o direito à cidade e as utopias criadas pela gestão pública a respeito do Parque da Sementeira, espaço público que está situado no bairro Jardins, zona sul, uma das localizações mais nobres da cidade de Aracaju.

Esta localização favorável tem gerado um processo de produção desigual, uma vez que ao comparar com os parques localizados em outros bairros da cidade, percebemos que os parques localizados na zona sul, a exemplo do Parque da Sementeira, recebem investimentos diferenciados por parte do poder público e da iniciativa privada. Em decorrência desse processo geram-se usos distintos nesses espaços, assim como, diferentes territorialidades e hierarquizações, processos que aparentemente fragmentam a cidade.

A partir das possibilidades de utilização desses espaços tidos como espaços públicos das cidades, torna-se possível pensar sua apropriação não apenas por moradores e residentes, mas também por turistas que estejam em visita à localidade. De fato, os parques públicos além de propiciar lazer aos seus cidadãos “também pode cumprir um papel de atrair turistas, contribuindo para a valorização da paisagem, melhoria da infraestrutura e da qualidade de vida” (LAPA et. al., 2010, p.37).

Assim sendo, existem diversos fatores que podem gerar visitas às áreas verdes de uma cidade. De acordo com as ideias de Furegato (2005) estes fatores podem estar associados à localização geográfica favorável, marketing, modismo, valorização cultural do espaço, entre outros. No entanto, é importante ressaltar que, nem sempre, esses espaços públicos de lazer são, em sua maioria, considerados como constituintes da oferta turística de uma localidade, o que caracteriza o não uso desses espaços pelos turistas por diversos fatores, conforme veremos ao analisar os usos do Parque da Sementeira.



2. Metodologia

O presente estudo esteve alicerçado em um arcabouço metodológico para o alcance efetivo de resultados a serem dispostos nas próximas sessões. A pesquisa é de base quanti-qualitativa e do tipo exploratória, contando com o levantamento bibliográfico e a pesquisa de campo. Também foram realizados diálogos informais e a observação direta não participante, bem como, a observação netnográfica.

O levantamento bibliográfico foi realizado para a busca de referências que dissertassem sobre os espaços públicos, abordando as problemáticas que os envolvem na contemporaneidade e refletindo, sobremaneira, o modo de produção das áreas urbanas e os territórios que são configurados a partir da apropriação, uso e consumo dos espaços de lazer e turismo.

No que tange à pesquisa de campo, inicialmente se fez uma análise *in loco* juntamente com a inventariação objetivando identificar todos os equipamentos e atrativos que estão distribuídos no espaço do parque, assim como, os usos já existentes e possíveis potenciais para o consumo por cidadãos e turistas através da observação direta não participante do espaço do Parque da Sementeira. Vale ressaltar que as observações foram realizadas em dias úteis e finais de semana. A observação netnográfica, por sua vez, ocorreu no âmbito virtual em que foram analisadas as percepções e avaliações dos turistas acerca do parque na plataforma do *TripAdvisor*.

Já em relação aos questionários estruturados, a aplicação se deu para dois públicos distintos: os residentes da cidade de Aracaju e os turistas. Destaca-se o fato de que durante a aplicação dos questionários os cidadãos residentes explanaram opiniões, análises, etc. para além das perguntas elaboradas nos questionários estruturados. Deste modo, conversas informais com esses indivíduos foram traçadas, o que trouxe inúmeras informações que auxiliaram a atingir o objetivo proposto, configurando-se como uma técnica importante para a análise dos múltiplos territórios e territorialidades do Parque da Sementeira.



3. Territórios e Territorialidades nos Espaços Públicos de Lazer

As relações de poder que direcionam a produção e usos dos espaços públicos de muitas cidades, onde se inclui a cidade de Aracaju, em Sergipe, partem dos papéis desempenhados pelas esferas públicas e privadas no processo de produção desses espaços e aos impactos deles decorrentes.

De fato, podemos afirmar que as políticas públicas são de fundamental importância no processo de (re) produção do espaço urbano. No entanto, também podemos considerar que “la política delimita un territorio específico al mismo tiempo que el territorio se constituye en un rasgo cualitativo de la política pública. De esta manera el territorio y las políticas públicas se establecen de manera relacional y vincular” (DAIAN, 2011, p. 2). Assim, o processo de planejamento territorial acaba apontando para investimentos do Estado perfilado ao desenvolvimento do mercado.

Vainer (2017) ao fazer uma análise dos conflitos de interesses contidos na produção do espaço aponta que a cidade e seus fragmentos são configurados como mercadorias, postas a venda num mercado competitivo de localizações, em que os consumidores (clientes) seriam em primeiro lugar os capitalistas, mas também turistas e indivíduos que escolhem onde investir, passear, viver. De acordo com essa assertiva, as pactuações entre o Estado e os demais agentes urbanos têm papel decisivo, uma vez que fundamentados no jogo criado para dar impulso ao ciclo do capital imobiliário, promove verdadeira espetacularização de localizações (já apropriadas pelo mercado) que se denominam, no âmbito do urbanismo, essenciais ao desenvolvimento “sustentável” da sociedade urbana. Fato este que coloca em xeque a função “social” dos espaços considerados como públicos e o próprio modelo de planejamento.

Os espaços públicos de lazer das cidades são entendidos como espaços formalizados pela tríade sociabilização – integração – convivência. No entanto, como aponta Jacobs (2000), são espaços efêmeros marcados por popularidade e impopularidade, justamente porque também são espaços singulares. Alguns espaços, a partir da sua própria configuração, são apropriados pelos cidadãos



enquanto que outros, não o são, pois são vistos como espaços segregados e demarcados por práticas específicas.

Essa dinâmica marcada pelas práticas dos cidadãos faz com que os espaços públicos, em alguns casos, sejam vivenciados e experimentados pela comunidade local de forma difusa, desterritorializada e enfraquecida de apropriação identitária. Já para o turista, estes espaços se destacam por oferecer atratividades relacionadas à paisagem, manifestações culturais, historicidade, arquitetura e atividades lúdicas, itens que são importantes para a composição da oferta turística.

De fato, os espaços públicos devem ser de domínio público e, conseqüentemente, de uso coletivo. A construção de suas territorialidades se dá através dos processos que dão forma a estes espaços, ou seja, através dos sujeitos sociais que os constituem a partir dos usos sociais, coletivos e com distintas atividades. Segóvia; Dascal (2000, p. 8) ao analisarem a importância dos espaços públicos para as cidades apontam que “en estos espacios no es necesario pagar, no se obliga a comprar o consumir, se circula a toda hora y todos los días. Es un lugar creado por muchas generaciones, que ha evolucionado adaptándose a distintos usos y épocas”.

Assim, os territórios se constroem e as territorialidades se materializam a partir dos usos distintos. Ao falar em materialização não estamos querendo atribuir ao cidadão alguma propriedade concreta ou acesso, mas sim a sua condição de poder apropriar-se da multidimensionalidade que os espaços possibilitam no próprio transcurso da produção das relações sociais, sem as amarras ou normativas estabelecidas por códigos de conduta que disciplinam ou medem quanto o espaço público é ou não democrático.

4. Espaço Público de Lazer e Turismo: O Parque da Sementeira

O Parque da Sementeira é um importante espaço público de lazer para os residentes da cidade de Aracaju em decorrência das possibilidades de funções sociais exercidas no interior deste (esportes, convivência, entre outros). Embora localizado em uma zona privilegiada pelo capital público e privado, o equipamento é



frequentado de modo diversificado por residentes da cidade advindos de distintos bairros da cidade de Aracaju, conforme demonstram as pesquisas realizadas *in loco*.

O Parque Augusto Franco – como é oficialmente nomeado o Parque da Sementeira – está localizado no bairro 13 de Julho, zona sul, área nobre da cidade de Aracaju. No momento de sua implantação, o Parque da Sementeira foi contemplado com diversos elementos que podem atrair a variados públicos, como a demanda turística e os residentes, de forma a se converter em um espaço para usos e práticas distintas, ratificando o potencial para atividades de lazer e turismo.

Dentre os atrativos estão os quiosques cobertos, com bancos e mesas para piqueniques, festas de aniversários, encontros etc.; lagos artificiais, em que a administração do parque pretende voltar a utilizar para pedalinhos; eventos culturais (como exposições, musicais, entre outros), esportivos e religiosos promovidos pelos próprios visitantes esporadicamente; a Casa da Ciência e Tecnologia Galileu Galilei (CCTECA), mais conhecida como Planetário; uma vasta área verde com horta; parque infantil com brinquedos recreativos; espaços específicos para práticas de atividades físicas como quadra de areia; o sistema CajuBike instalado no local que possibilita ao visitante locar bicicletas; e ainda projetos como o Natal Luz que ocorrem nos finais de ano. Além disso, no ano de 2018, foi inaugurado um espaço contemplativo com um monumento em alusão ao ex-governador Marcelo Déda com espelho d'água, entre outros elementos arquitetônicos, de modo a referenciar uma parte da história política do Estado de Sergipe.

Portanto, verifica-se que o Parque da Sementeira possui demasiado potencial e diversidade de atrativos e atividades que os turistas podem realizar em visitação ao mesmo, apesar de ser mais apropriado pela popula o local de distintas formas a partir, sobretudo, de um recorte classista.

Em decorrência dos diversos usos dados ao Parque da Sementeira, bem como considerando a sua magnitude, este se apresenta como um espaço com diversos territórios e, ainda, com possibilidades de configura o de novos delineamentos territoriais a partir de territorialidades emergidas, por exemplo, mediante a apropria o turística de por oes do parque, conforme veremos a seguir.



5. As múltiplas Territorialidades, os diversos Territórios: Usos, conflitos e disputas no Parque da Sementeira

No Parque da Sementeira concentram-se camadas de indivíduos que definem, propõem e estabelecem usos, não usos e contra-usos diversos ao espaço e interior do mesmo mediante práticas de lazer que envolve esportes, comemorações, socializações, entre outros. Portanto, em decorrência das ações estabelecidas no âmbito dos usos, não usos e contra-usos que geram estranhamentos, conflitos e disputas, ou seja, as territorialidades, é que se nota a configuração dos diversos territórios de distintos grupos sociais. Aqui, serão destacados os territórios da demanda solvável que reside nas adjacências do Parque da Sementeira; dos grupos sociais excluídos entendidos como aqueles que são repugnados; e o potencial território para o turismo e agentes da atividade como guias de turismo, agentes de viagens e, claro, os próprios turistas, ou seja, visitantes externos à cidade.

5.1 Territórios da Demanda Solvável

A partir dos questionários aplicados e dos diálogos informais constatou-se que os residentes envolvidos ao Parque da Sementeira, em suma, o consomem no intuito de práticas de sociabilização e de atividade física durante os dias entre segunda-feira e sexta-feira. Com a observação realizada *in loco* evidenciou-se que a demanda solvável possui diversos territórios no interior do Parque da Sementeira, sobretudo, àqueles espaços que estão diretamente relacionados com a prática de esportes, como quadras, vias para caminhadas, corridas e bicicletas; apropriados demasiadamente por este público durante a rotina dos dias úteis.

Por outro lado, as populações oriundas de bairros mais distantes da cidade de Aracaju, e de menor nível de escolaridade e renda – conforme se averiguou com o resultado da aplicação dos questionários socioeconômicos aos visitantes –, apenas utilizam o parque em finais de semana e feriados, no entanto, com usos mais variados.



É certo que essa discrepância ocorre em virtude dos residentes das adjacências terem mais facilidade de acessibilidade em decorrência do poder aquisitivo para residir nas proximidades, resultando assim em maiores prerrogativas de praticar lazer – refletido em mais dias de possibilidade de consumo – ao usufruir de um espaço público da cidade de Aracaju que deveria ser entendido como um direito igual, de, e para todos.

Os grupos sociais que correspondem ao conjunto de indivíduos que moram nas proximidades do parque estão sempre distribuídos em locais próximos à vigilância (posto e carros da guarda municipal) e pouco ermos. Este grupo utiliza o parque para a socialização ocorrida após e durante a prática de atividades físicas (caminhadas e corridas) ou meramente para levar seus animais domésticos para passear no equipamento; bem como para propiciar aos filhos momentos de lazer em meio à natureza.

É importante ressaltar que essa demanda entende que o parque é apropriado por outros indivíduos que visam estabelecer “maus usos” do espaço e, portanto, infringem a segurança do mesmo. Tal fato faz com que esse grupo se direcione para porções do parque mais “seguras” e ali estabeleça territórios mediante a opressão e repressão por meio da imagem de força maior da vigilância que não permite determinados tipos de usos daquele espaço territorializado.

Nesse sentido, a luta de classes é vislumbrada ao evidenciar-se que o Parque da Sementeira, por muitas vezes, é entendido como extensão e área de lazer semi-privativa dos condomínios localizados ao redor do mesmo. Esse fator é desencadeado pelas construtoras que, ao ofertar apartamentos nas proximidades do Parque da Sementeira, apropriam-se de um espaço público de lazer, para elevar o valor de troca dos imóveis, interiorizando ao comprador que o equipamento é elemento constituinte da propriedade adquirida, fazendo com que este estabeleça domínios territoriais – principalmente ideológicos – sobre e no parque.

Sob essa perspectiva, há de se considerar que o parque é um território daqueles que o margeiam e, portanto, passível de ser permeado por inúmeras relações de poder arbitrárias advindas da ideia de posse e propriedade que levam



os donos dos imóveis a designarem, conforme os seus valores e de modo velado, as práticas aceitáveis *versus* as atividades entendidas como contra-usos. De acordo com Leite (2002, p.121), os contra-usos se caracterizam pelos “[...] usos que podem alterar a paisagem e imprimir outros sentidos às realocações da tradição e aos lugares nos espaços da cidade”.

Partindo dessa compreensão, embora a demanda solvável queira possuir total domínio e controle do Parque da Sementeira, os demais grupos sociais de origem distante do equipamento ainda exercem uso e definem seus próprios territórios, podendo o ato ser interpretado como pleno exercício da cidadania no momento em que os mesmos utilizam de locais e bens públicos para cumprir funções sociais, como o lazer.

Deste modo, as características de consumo das áreas produzidas no espaço urbano refletem no uso que se torna cada vez mais privativo dado às forças do mercado que transferem a propriedade do espaço urbano à demanda solvável que pode arcar com os custos propostos no valor de troca. Por conseguinte, a classe composta pela demanda solvável pratica a autosegregação em períodos que outros grupos estão no local (finais de semana e feriados), uma vez que optam por consumirem espaços e equipamentos em localizações diferenciadas, visando manter privilégios de “ser” e “pertencer” à classe enquanto os geradores de supostos contra-usos estão usufruindo dos espaços do parque que lhe são permitidos.

5.2 Territórios dos Grupos Sociais Excluídos

Em contraponto à demanda solvável estão os grupos sociais excluídos, entendidos aqui como os indivíduos advindos de localidades longínquas da cidade de Aracaju, geralmente com poder aquisitivo e escolaridade amplamente distintos e em menor grau do que àqueles residentes do entorno do Parque da Sementeira (de acordo com os dados coletados). Estes têm seu deslocamento motivado para outros espaços da cidade em decorrência dos seus locais de origem e de moradia serem pouco privilegiados com políticas públicas urbanas que incentivem o lazer a partir da



instalação de equipamentos, bem como arcando com a manutenção destes já existentes, resultando em estrutura precária e decadente.

Ademais, correspondem a determinados grupos sociais que ao estabelecerem usos distintos daqueles previstos e declarados pela classe dominante – ou seja, a demanda solvável residente das adjacências do parque – tornam-se elementos indesejáveis do espaço, sendo veementes reprimidos por meio de força maior e/ou pelos gestos velados dos residentes que veem, no Parque da Sementeira, mais um território de lazer (semi-privativo) enquanto extensão dos luxuosos condomínios. Todavia, há de se considerar que os grupos sociais excluídos são, igualmente, importantes agentes produtores e consumidores do espaço urbano, embora marginalizados pela lógica do capital.

Deste modo, os grupos sociais excluídos produzem e consomem o espaço urbano capitalista através dos contra-usos. Isto ocorre, pois apesar dos espaços públicos serem entendidos constitucionalmente como de/para todos os cidadãos, valores sociais dominantes se impõem sobre a forma de uso do espaço urbano, pois uma vez que os mesmos são apropriados, dominados e territorializados; comportamentos, gestos, modelos de construção excluem/incluem; determinando e direcionando os fluxos. A partir disso, inúmeros conflitos e disputas se estabelecem no espaço urbano, transparecendo e perpetuando as relações de poder.

No Parque da Sementeira, os conflitos e disputas surgem a partir do uso do espaço do parque público pelos residentes de bairros mais distantes em determinados dias da semana, sobretudo, sábado, domingo e feriados. Dentre as formas de consumo do espaço estão à ida ao parque para prática de esportes; encontros afetivos; realizar *books* fotográficos; ingerir bebidas alcoólicas como ato de socialização entre amigos, sobretudo, os adolescentes; fazer novas amizades a partir de encontros entre grupos de jovens; realizar comemorações diversas como aniversários, noivados, entre outros.

Para concretizar os usos das porções do Parque da Sementeira, tais indivíduos apropriam-se de diversos espaços do equipamento, sobretudo, as áreas próximas aos lagos, local em que há diversos quiosques e bancos que permitem a



realização de comemorações e socializações, tornando-se seus territórios aos finais de semana e feriados. Ao mesmo tempo em que esses mesmos espaços são, também, território da demanda solvável nos dias úteis, em que esse público se faz presente, gerando tendências a disputas caso haja choque temporal da apropriação.

Conforme os diálogos informais realizados, a demanda solvável residente das adjacências do equipamento de lazer sente-se incomodada com a presença desses indivíduos e grupos sociais compostos majoritariamente por jovens de baixa renda que utilizam o parque de múltiplas formas, atribuindo-lhe diversos (contra-) sentidos.

Entretanto, no que concerne aos contra-usos praticados principalmente por jovens, os territórios são delineados e estabelecidos em espaços esvaziados e ermos do Parque da Sementeira, considerando que são consumos tidos como indevidos. Assim, os indivíduos e seus grupos buscam espaços que possam realizar suas práticas de lazer com mais liberdade e com menos repressão advinda das forças normativas cuidadoras da segurança do parque público, que proíbem, por exemplo, a entrada de bebidas alcoólicas no recinto, forçando-os a adentrar de forma clandestina e a consumir em locais menos fiscalizados.

A partir dessa perspectiva torna-se evidente a distinção territorial dos grupos sociais excluídos praticantes de contra-usos e da demanda solvável que produz usos, uma vez que esta última, diferentemente dos primeiros, busca no momento em que se encontra presente no Parque da Sementeira estar perto de locais iluminados e à sombra da segurança na figura dos guardas municipais; enquanto que os outros, tendo em vista as contra-concepções distintas de lazer, almejam a fuga do normativismo imposto pelos mesmos agentes da segurança e, sobretudo, pela classe dominante.

Além disso, percebe-se envolvimento aos discursos dos moradores dos grandes condomínios ao redor do parque que, não apenas os usos diferenciados e “inapropriados” dados por esses jovens são repudiados, mas também o fato de ser oriundo de localidades periféricas, fator que amedronta aos primeiros em termos de roubos e assaltos dado o enorme imaginário social imbuído de preconceito para com



esses grupos que resultam em práticas discriminatórias e, conseqüentemente, excludentes.

Deste modo, mediante as dinâmicas sociais de fluxos estabelecidas no Parque da Sementeira, há de se averiguar que o mesmo passa, de acordo com o fator temporal, constantemente por processos de (des)(re)territorializações dado o antagonismo social, cultural e econômico entre àqueles que fazem usos do parque.

5.3 Territórios Turísticos

Embora o Parque da Sementeira possua um conjunto de potenciais atrativos que poderiam atrair a demanda turística para visitaçã, como ocorre em diversos outros parques do Brasil e do mundo, ainda é demasiadamente subutilizado pela atividade turística. Isto se dá porque os elementos do parque não são entendidos como um atrativo turístico da cidade de Aracaju, seja pelas agências de turismo receptivo que promovem os *cities tours*, como também, pelos guias de turismo que não encaminham os turistas para visitaçã ao parque, levando-os apenas aos atrativos escolhidos que são caracterizados como principais e representativos da localidade.

Além disso, o não uso e não aproveitamento de sua potencialidade ocorre tendo em vista a falta de divulgaçã e transmissã de informações da existênci do mesmo seja em folders, via Web e dentre outros meios comunicacionais para aqueles que vêm à cidade e poderiam realizar visitaçã. A afirmaçã supracitada é ratificada por 69% dos turistas questionados que alegaram que não visitaram o parque em razã de não saberem da existênci desse espaço. Somado a isso, nenhum dos turistas abordados durante a pesquisa havia visitado o parque em questã.

Em contrapartida, ao serem inquiridos sobre a motivaçã em conhecer parques enquanto espaços púbclicos das cidades, 81% dos turistas abordados pela pesquisa demonstraram interesse. Nesse sentido, observa-se um demasiado potencial desperdiçado não somente em relaçã ao Parque da Sementeira, mas



quanto a todos os demais da cidade de Aracaju (Parque dos Cajueiros e Parque da Cidade).

Por outro lado, conforme citamos anteriormente, no espaço do Parque da Sementeira encontra-se o Planetário (CCTECA) que proporciona aos usuários contato com aspectos do universo a partir da astronomia e, a partir da consulta do livro de registros de visita detectamos que há visitação de pessoas oriundas de outros estados. Assim, constatou-se que há visitação por parte da demanda turística, o que também foi comprovado por meio da ferramenta *TripAdvisor* com avaliações de turistas de diversos estados brasileiros que estiveram no espaço e que destacaram os usos dados por este grupo: possibilidade da prática de esportes, contato com a natureza, ademais de ressaltarem que o parque é um espaço para estar com a família, bem como de sociabilização.

Embora ainda não seja possível a visualização de territórios turísticos no Parque da Sementeira, há de se considerar a possibilidade de estabelecimento dos mesmos, uma vez que foi detectado potencial a partir da diversidade de atividades que os turistas podem realizar em visitação ao parque, assim como, pelos seus atrativos diversificados e a infraestrutura que este dispõe para a demanda turística.

Pautado nos dados e fatores levantados a partir da pesquisa realizada, tornou-se possível averiguar que o Planetário seria, a título de exemplo, um local que tenderia a ser territorializado pela atividade turística, juntamente a outros espaços que são, também, de uso dos residentes da cidade de Aracaju.

Todavia, as disputas territoriais ascendentes poderiam dispersar o foco da repressão sob os grupos sociais excluídos; ou, em decorrência de uma possível elitização maior do parque para o recebimento dos turistas, produzir efeito contrário ao aumentar a opressão a esses indivíduos – por meio de gentrificações e demais medidas higienistas – que tenderiam a buscar em outros espaços formas de expressão, prática e de exercer seus momentos de lazer.

Portanto, a existência de territórios turísticos no Parque da Sementeira gera uma multiplicidade de incógnitas acerca das novas configurações de dinâmicas



sociais urbanas que ocorreriam no perímetro do equipamento, principalmente ao levar em consideração as paradoxais relações territoriais já existentes.

6. Considerações Finais

Os parques públicos são equipamentos que se caracterizam como um espaço de lazer em meio às características urbanas das cidades com possibilidade de apropriação por residentes concomitantemente à demanda turística.

Assim, a partir da pesquisa tornou-se possível identificar os distintos usos, não usos e contra-usos estabelecidos no Parque da Sementeira. A luta de classes é notória ao serem apresentados nos discursos dos residentes adjacentes ao parque os contra-usos que rompem com os usos programados e destinados para os equipamentos públicos. Assim, grupos sociais de menor poder econômico e social tornam-se vítimas das repressões advindas da ideologia dominante de diversas formas, uma vez que são usos que devem ser combatidos; mas que, inegavelmente trazem novas perspectivas em termos de produção e consumo do espaço urbano.

Tendo por base o contexto supracitado, os fluxos se configuram da seguinte forma: os moradores que residem próximo ao parque não o frequentam/utilizam assiduamente aos finais de semana e feriados por se autoconsiderarem uma classe superior frente ao público oriundo de outros bairros da cidade de Aracaju. Por conseguinte, a estes últimos, cabe consumir o espaço de maneira que gere distinção.

Portanto, mediante as dinâmicas concernentes aos espaços do Parque da Sementeira a partir das apropriações e usos temporais dadas pelos distintos indivíduos e grupos sociais, conclui-se que as territorialidades existentes no parque perpassam constantemente por processos de (des)(re)territorializações dado o antagonismo social, cultural e econômico entre àqueles que fazem usos do meio, gerando inúmeras disputas e conflitos sócio - espaciais.



7. Referências

DAIAN, Verónica. **La gestión del espacio público en la ciudad de Buenos Aires**. VI Jornadas de Jóvenes Investigadores. Instituto de Investigaciones Gino Germani, Facultad de Ciencias Sociales. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2011, p. 1 – 14.

FUREGATO, M. C. H. Parque Urbano Orquidário Municipal de Santos/SP: equipamento de lazer e turismo. **Revista Eletrônica Patrimônio e Lazer**, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos.php?cod=36>>. Acesso em 06 de março de 2018.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAPA, Daniella Lisboa et.al. **Percepções do uso turístico do espaço urbano: Estudo sobre o Parque da Sementeira**. In: Anais do 1º Seminário de Turismo e Geografia. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2010. p. 35-47. (CD-ROM)

LEITE, R. P. **Contra-usos da Cidades: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Aracaju, SE: Editora UFS, 2007.

SEGOVIA, Olga; DASCAL, Guillermo. (Eds). **Espacio público, participación y ciudadanía**. Santiago: Ediciones SUR, 2000.

VAINER, Carlos. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia (Org). **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2009a [2000], p. 75-104.

VAZ, Nelson Popine. **Espaços públicos urbanos**. Disponível em: www.arq.ufsc.br/~soniaa/arg5605/Espacospublicos.htm. Acessado em 03 de abril de 2018.